



## A OUTRA...

Vocês sabiam que a TQP gerou uma outra “turma quase perfeita”? Realmente não poderia haver nada mais exótico do que a Turma formada, basicamente, com oriundos da EPCAr que ingressaram na então Polícia Militar do Distrito Federal, em março de 1960. Basta citar alguns dos espécimes “exportados”: Áureo Carneiro de Campos, o Morcego; Ardson dos Santos Vianna, o Sapo; Jorge Pires Marques, o Urubu; Mário Moniz, o Camarão; Oscar Alves da Silva, o Cavalão; Salatiel Pereira da Silva, o Ameba; Walter Luiz da Silva, o Cachorrão... Lembram-se deles?

Dessa Turma eu também participei. Estávamos, os “desligados”, ainda no Campo dos Afonsos atordoados com o bilhete azul que recebêramos - todos à procura de um caminho novo. Liderados pelo Oscar Alves da Silva, o inesquecível 57-66, eu e outros resolvemos tentar a sorte pedindo transferência para a AMAN — afinal não sabíamos voar, mas marchar sabíamos e, para tanto, achávamos que isso bastava... Partimos então em grupo para o Ministério do Exército a fim de falar com o Marechal Teixeira Lott, Ministro da Guerra e candidato à Presidência da República. O Ministro nos recebeu cordialmente; o Alves falou das nossas pretensões e prontamente entregou uma lista com nomes dos candidatos, cuidadosamente datilografada numa folha de papel almaço - coisas daquele tempo. O general recebeu, leu com atenção e foi logo dizendo que gostaria muito de atender ao nosso pedido, mas naquele momento não era possível.

Havia porém a oportunidade de sermos aproveitados na Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal. Ele mesmo recomendaria ao comando da PMDF o nosso ingresso, sem concurso, bastando apenas fazermos exames médicos. Lembro-me de olhar para o Alves e vê-lo surpreso, perplexo, estupidificado... Em momento algum havíamos imaginado ingressar na PM. O Ministro devolveu a folha de papel ao nosso líder dizendo que, caso aceitássemos, estaria ele à nossa disposição para ajudar. Saímos do gabinete do Ministro e o Alves, lívido, rasgou a lista com raiva. Depois de refletir por alguns dias e na iminência de virarmos paisanos, resolvemos aceitar a generosa acolhida que a PM nos oferecia. Pelo menos seríamos oficiais, não seríamos transferidos para fora do Rio e receberíamos tanto quanto os oficiais das Forças Armadas, já que o código de vencimentos dos militares, naquele tempo, era extensivo à PMDF. Assim, dentre os que desejaram, ingressamos na PMDF. Apresentamo-nos no quartel general da Rua Evaristo da Veiga e de lá fomos encaminhados ao tradicional quartel do Regimento Marechal Caetano de Farias, na Avenida Salvador de Sá, onde estava sediada a Escola de Formação de Oficiais.

Tudo mudou. Ao invés de aviões, cavalos. Recebíamos instruções técnicas de ações de polícia fardada, de polícia preventiva, de polícia de segurança pública, de criminologia e criminalística, além de armamento e tiro, sem esquecer da equitação — a novidade e o terror. A base teórica eram disciplinas do curso de Direito. Nossos instrutores

## **Ângelo Horta Hortega (e companheiros da PM)**

eram todos jovens oficiais da PM, a maioria com cursos de extensão universitária ou no exterior. O Diretor de Ensino era um coronel do Exército, culto e educado, que acumulava o cargo de Comandante da Escola. A nossa companhia estava sob o comando de um experiente capitão de polícia, bacharel em Direito, bastante vivido nas lides da caserna e nas atividades da ordem pública. Não era nenhum Dário, mas o sentíamos sinceramente nosso amigo e procurava nos cercar de cuidadosa atenção. Na EFO não havia o charme, o conforto, as mordomias e a fartura do Campo dos Afonsos; a farda não era a baratária e o colchão não era de molas, mas éramos felizes.

Ao iniciarmos o curso de formação de oficiais voltávamos à estaca zero. Tudo era novo e muito diferente do que já havíamos experimentado. Por outro lado estávamos mais maduros e mais preparados para enfrentar desafios. Na Escola, localizada numa enorme varanda lateral do aquartelamento, havia o mínimo necessário para a formação dos cadetes: alojamento, sala de aula, banheiro coletivo e um pequeno ginásio improvisado. Em 1960 só havia duas turmas: a do terceiro ano e nós. Os veteranos avisaram que haveria trote; nós os calouros, já cansados daquela besteirada, decidimos não aceitar trote algum. Certa tarde, após as aulas, quando só havia alunos e um oficial de dia na Escola, fomos encurralados pelos veteranos no final da varanda. Como não havia nem espaço nem disposição para brigarmos todos, ficou acertado que o trote seria um duelo entre um representante deles contra um de nós, do primeiro ano. Nesse momento, o Walter (57-106) se ofereceu para o confronto. Não aceitamos, mas o Walter insistiu como se quisesse resolver logo a questão. Foi uma briga de quinze minutos. Quando o nosso magricelo lutador começou a mostrar mais habilidade nos golpes, os veteranos deram por encerrada a contenda, proclamando o empate. E não se falou mais em trote. Rapidamente todos se adaptaram. E a vida seguiu seu rumo inexorável, consumindo dia a dia o tesouro que esbanjávamos, sem saber que aquilo acabada tão depressa — a mocidade. Ficou a lembrança, que hoje nos aconselha a registrarmos tudo, antes que a memória falhe.

O José Wilson de Souza (59-34 1) chegou aos Afonsos fardado de cabo da Aeronáutica. Bastou olharem pra cara e para as divisas dele foi logo apelidado de Cabo Velho. Pois o Cabo Velho, na PM, ganhou outro apelido — “Vai-te granada” - graças a um arremesso, num treinamento, que saiu meio chocho, meio afrescado, indo a “maldita” cair a meio metro de distância do grupo de combate. Ainda bem que naquele tempo não havia “granada perdida”, do contrário os novos PM’s teriam sido extintos no começo do curso.

O nosso Carlos Alberto de Oliveira Pascoal (59-339) manteve a merecida alcunha que recebeu na Escola de Aeronáutica - “Diabão”. E foi lá fazer suas diabruras a pé e a cavalo. Numa dessas, o beijudo não “entendeu” o comando do cavaleiro nordestino e, ao invés de saltar o lago da pista de obstáculos do picadeiro externo do Regimento de Cavalaria, travou os dianteiros na borda e, abaixando a

cabeça, arremessou o Diabão, que caiu sentado dentro do lago. Quem viu não esquece a água verde, suja de musgo, escorrendo do bístico pela cara do cearense arretado. O mais constante “ala” do Diabão era o “Lascado”— Antônio de Araújo Ribeiro (59-345), também cearense, que estudou advocacia e deixou a PM no posto de capitão para ser Juiz de Direito. Em homenagem à magistratura, deixo de contar histórias inacreditáveis do seu tempo na caserna. Impagáveis também eram certas figuras criadas quando se juntava o tipo físico (nem sempre apolíneo) com a farda e o equipamento (nem sempre *fashion*). O Salatiel foi uma das vítimas dessa composição desastrosa. A cavalo, com capacete e perneiras, o Tiel parecia um gladiador pronto para enfrentar inimigos extraterrestres.

O cavalo era para todos, na PM, o que o avião fora para a Turma na Aeronáutica - alguma coisa mais forte do que nós, que nos desafiava e exigia coragem e destreza para se submeter ao nosso comando. Mantidas as devidas distâncias, é claro, que separam um “veículo” do outro. Solar a fera também era um desafio; e por coincidência uma questão, também, de pé e mão... Do cavalo também se caía - com menor dano. Era mais difícil derrubar um cavalo do que um avião. O cavalo reagia e, não raro corrigia o “piloto”.

Houve casos em que o animal, percebendo que o cavaleiro era incompetente, ou que lhe faltavam determinação, perna e braço, voltava para a baía, independente da vontade do condutor; ou simplesmente o jogava no chão. Mas alguns companheiros se apaixonaram de tal maneira por certas potranças que, à noite, eram vistos na varanda do quartel de olhares perdidos nas baías lá embaixo.



**O Cad. Horta recebe o espadim das mãos de sua mãe, D. Francisca Devita Hortege, sob olhar atento do pai, Sr. José Horta Hortege.**

Recebi com muito orgulho o Espadim Tiradentes. Gostava de equitação e percebia a importância da função social da Polícia Militar. Mas meu destino era outro. Ansiava por comando próprio e, pouco antes do final do primeiro ano pedi meu desligamento. Todos os meus colegas saíram oficiais. A maioria atingiu o coronelato, último posto da

Corporação. Muitos desempenharam missões importantes ao longo da carreira policial-militar, seja no comando de diversos batalhões, seja em funções de estado-maior, seja em cargos importantes no governo do Estado. Quase todos tiveram oportunidade de fazer cursos no exterior e viagens de instrução pelo Brasil e pelo mundo. Faltou para o coroamento merecido do valor de cada uma dessas Turmas “fazer” um Ministro da Aeronáutica e um Comandante Geral da PM. Nomes não faltaram; mas esses galardões não dependem só de talento, de competência e de dignidade. Assim foi o que Deus quis. Continuei mantendo o elo com as duas Turmas e, nestes mais de cinquenta anos, jamais perdi de vista meus companheiros da PM e da FAB, envaidecido por haver pertencido a essas duas instituições.

A Turma de Aspirantes da Polícia Militar de 1962, inicialmente possuía 32 cadetes, vinte e dois deles oriundos da EPCAR, três transferidos da AMAN, três pertencentes à Polícia Militar do Amazonas, um da Polícia Militar de Goiás e dois vindos da vida civil, mais um que ninguém sabe e ninguém viu. Ou seja, alguém que pediu matrícula, recebeu um número e não foi apresentado.

A Turma da então Escola de Formação de Oficiais da PMDF, hoje Academia de Polícia Militar Dom João VI, que ingressou em 1960 e foi declarada Aspirante em dezembro de 1962. 1. **AMÍLCAR** de Oliveira Carvalho (57-72); 2. **Ângelo HORTA** Hortege (57-78); 3. Antônio de Araújo **RIBEIRO** (59-345); 4. Ardson dos Santos **VIANNA** (56-71); 5. **Áureo** Carneiro de **CAMPOS** (55-37); 6. Carlos Alberto Fernandes **NEVES** (57-15); 7. Carlos Alberto de Oliveira **PASCOAL** (59-339); 8. Carlos Alberto **REWORÊDO** de Amorim (59-335); 9. Dilton Vidal de Paiva (AMAN); 10. Edson **RIBEIRO** dos Santos (57-35); 11. Eduardo Barboza (PMGO); 12. Elair **MACIEL** Barbosa (56-106); 13. **HELICIO** da Silva (PMAM); 14. Hécio Souza **SOARES** (58-260); 15. **IVAN** Santos (56-321); 16. **JAIR** Monteiro Vieira (57-172); 17. João **BATISTA** da Silva (AMAN); 18. **JORGE** Francisco de Paula (civil); 19. Jorge **PIRES** Marques (56-123); 20. José **CORDENONSI** (58-275); 21. José Wilson **DE SOUZA** (59-341); 22. José Luiz **NOGUEIRA** (56-98); 23. (Não apresentado); 24. Mário **MONIZ** (56-104); 25. Moacyr Guimarães **GITIRANA** (AMAN); 26. Oscar **ALVES** da Silva (57-66); 27. Pedro **CAMARA** (PMAN); 28. Pedro **LUSTOSA** (PMAM); 29. Ricardo **LAVIOLA** de Freitas (civil); 30. **SALATIEL** Pereira da Silva (58-287); Robério **PIMENTEL** (58-223); e 32. Walter **LUIZ DA SILVA** (57-106).

No ano seguinte, em 1961, já promovido ao segundo ano, a Escola foi transferida para a Fazenda dos Afonsos, na Estrada Intendente Magalhães. Eu já havia deixado a PM, e dava meus primeiros passos na vida civil, como funcionário da Caixa Econômica Federal. Sempre que surgia um motivo relevante, lá estava eu sendo convidado a visitar nossos companheiros, ainda na Escola e posteriormente nas diversas unidades da PM por onde passaram. Nunca deixei de ser aluno de EPCAR e nunca deixei de pertencer à Turma de Aspirantes de 1962 da PM. E, portanto, com muito prazer e verdadeira emoção que, neste 2009, me farei presente nas comemorações dos sessenta anos da minha EPCAR e nos duzentos anos da minha Polícia Militar. Estarei simplesmente voltando às origens.

**Horta, 57-78**